

## Apresentação

Dedicada a publicação de pesquisas em arte, a 35ª edição da revista Concinnitas apresenta um conjunto de textos provenientes de dissertações de mestrado e teses de doutorado de programas de pós graduação em Artes do Rio de Janeiro e do Espírito Santo. Apesar de encaminhada a várias coordenações de programas de pós graduação em Artes, reconhecemos que o método dessa chamada precisa ser aprimorado, visto que não foi possível acompanhar todas as etapas de sua distribuição aos docentes. Contudo, pretendemos estabelecer um ritmo anual para esta edição dedicada a pesquisas discentes. Acreditamos assim que desde sua próxima edição a reunião de artigos será mais abrangente.

Ainda que incompleto, o conjunto de textos reunidos não deixa de apontar para a diversidade e singularidade das orientações e desdobramentos temáticos, teóricos e práticos, dos experimentos em arte e de arte que articulam nosso campo de conhecimento. Vale lembrar que o convite à leitura e à reflexão instigado por essas contribuições levanta questões sobre a condição viva e geradora de debate das relações que se tecem entre a pesquisa em arte e a vida contemporânea.

Registramos o conjunto a seguir segundo sua ordem de publicação, e mencionamos, igualmente, alguns eixos de leitura associados a cada texto: Interrogando um modo do olhar, do praticar e do existir de experiências estéticas, *O imperceptível como estratégia*, de Amanda Brum de Moraes Ponce Devulsky, abre a publicação sugerindo articulações entre superfícies técnicas e conceitos políticos de feminilidade. Interessada por relações temporais e espaciais não lineares em *Interstícios da matéria*, Anais Karenin busca aproximar o sertão brasileiro e o nordeste japonês. Em *Percursos para achar-se os deslocamentos de Robert Smithson*, Anelise Tiez evoca a figura do flâneur para propor uma deriva através de obras do

artista que apresentam deslocamentos físicos e trânsitos entre o espaço institucional e não institucional. Ao refletir sobre o lugar e parceria assumidos pela natureza em trabalhos contemporâneos, Claudia Tavares destaca a participação crucial do elemento água e do conceito de jardim em sua hipótese de *Um jardim em Floresta*. Através da leitura de *Funes, o memorioso*, conto de Jorge Luis Borges, *Cair (recair) saltar*, de Débora Seger, vislumbra relações entre imagem e trauma, explorando as experiências da insônia (e do sono), da memória, do sonho e da escrita. Debruçando-se sobre o processo de ocidentalização em *Luta pra dançar*, Edu Monteiro pesquisa sobre Ladja, dança de combate nascida nas encruzilhadas da diáspora africana na Martinica. *Petite Galerie, Franco terranova e o circuito de arte no rio de janeiro, 1954-1988*, de Gabriela Caspary, pontua questões que marcam a trajetória de seu principal sócio, o marchand e escritor Franco Terranova. *Verbetes iniciais do pequeno glossário sobre o mau pintor*, de Hugo Houayek, aborda conceitos que se relacionam com a posição do artista contemporâneo no mundo e de como este pode atuar criticamente. *À Deriva*, de Jean Carlos Azuos, trata de ressonâncias das superfícies de convívio na contemporaneidade, como o espaço do quarto, lugar de criação de esboços do mundo. Em *Sobre o perecível*, Julia Arbex destaca conceitos do filósofo Gilbert Simondon, como sua noção de sistema metaestável, aproximando-os dos processos de trabalho em arte. *Arquitetura da paisagem*, de Júnia Penna investiga como essa temática dá lugar a produção artística ao estabelecer conexão com vários autores que refletem sobre a noção da paisagem na atualidade. *Um presente sem porvir*, de Lara Ovídio, suspeita do presente em seu movimento de correr muito depressa pelos escombros do futuro. **A PRODUÇÃO DE RESISTÊNCIA DAS PRÁTICAS CONCEITUALISTAS LATINO-AMERICANAS: uma perspectiva decolonial sobre o estudo da arte**, de Lara Carnini, sustenta argumentos sobre a produção de resistência das práticas conceitualistas latino-americanas frente a matriz colonial. Em *Economia da Energia Vital: arte e movimentos da transição*, Lívia Moura apresenta conceitos e ações do Coletivo Vendo Ações Virtuosas onde a matéria e o objeto artístico dão lugar a ações, proposições, desmaterializações, energias sutis e vitais. Ao enfatizar o caráter localizado

temporalmente e geograficamente de práticas metodológicas originadas na modernidade, *O contexto epistêmico do museu de história da arte a partir de uma abordagem decolonial*, de Mariana Estelita, busca problematizar a existência de um pensamento supostamente universal. Priscilla Menezes de Faria adota o viés da incompletude como condição necessária à criação e o feminino como uma via de acesso ao pensamento poético ao tratar de obras de Louise Bourgeois em *Mulher-casa, mulher-faca*. Rodrigo D'Alcântara expõe em *SIMBOLISMOS DA DESOBEDIÊNCIA NO FILME ASCENSÃO E QUEDA DAS BIXAS: O ESTADO ENTICO E A QUEDA DISRUPTIVA*, fantasias e ficções contra-hegemônicas e anti-coloniais como forma de resistência que atravessa a video-arte. Em *Mediação como atribuição de força a uma arte fraca*, Tania Queiroz investiga as relações entre arte contemporânea e público e o estabelecimento de estratégias de aproximação entre ambos. Por último em *Como medir o tempo*, Vítor Martins reflete sobre a capacidade da arte técnica e do manuseio da câmera ao usar o tempo como insumo.